

# MARGARIDA RIBEIRO

COLÓQUIO

ACTAS

15 de Março de 2006



JOÃO LUÍS CARDOSO<sup>1</sup>  
JOÃO CARLOS CANINAS<sup>2</sup>

## **Materiais paleolíticos da região de Santo Estêvão (Benavente): novos achados<sup>3</sup>**

### **RESUMO**

Este trabalho tem o objectivo de dar a conhecer novos locais com materiais paleolíticos recolhidos à superfície de formações quaternárias a norte de Santo Estêvão (Benavente), no âmbito da realização do estudo de impacte ambiental da barragem de Vila Nova de Santo Estêvão, cuja avaliação da componente "Património arqueológico e arquitectónico" foi realizada pelos dois signatários.

Ainda que a região seja rica em estações paleolíticas, este estudo justifica-se por acrescentar informações de zona ainda não referenciada na bibliografia, constituindo, também, oportunidade para se prestar pública homenagem à memória de Margarida Ribeiro que, além de distinta etnóloga, também se dedicou ao estudo das indústrias paleolíticas da região.

---

<sup>1</sup> Arqueólogo, Agregado em História (Pré-História e Arqueologia). Professor Catedrático da Universidade Aberta.

<sup>2</sup> Arqueólogo, sócio-gerente de Emerita, Empresa Portuguesa de Arqueologia, Lda.

<sup>3</sup> À memória do Dr. Domingos Francisco, prematuramente desaparecido.

## 1. Introdução

Em 1998 pretendia-se construir uma pequena barragem a norte da povoação de Santo Estêvão, integrada na Urbanização Vila Nova de Santo Estêvão, da freguesia de Santo Estêvão, concelho de Benavente, a cerca de 1,5km do Monte da Aroeira. A obra implantar-se-ia sobre pequena linha de água afluente da margem esquerda do Vale Grande, por sua vez tributário do Sorraia. Como área a investigar, considerou-se o aterro que viria a ser ocupado pela barragem, bem como a área a inundar, estimada em cerca de 25ha, e a envolvente imediata da barragem e da albufeira (fig. 1).

## 2. Trabalhos realizados, resultados obtidos

Obtida a autorização por parte do IPA, após a sempre indispensável pesquisa de informação anteriormente publicada, incluindo a existente em arquivos oficiais, os trabalhos de campo decorreram em Outubro de 1998, tendo sido prospectada sistematicamente a área referida, em condições de visibilidade aceitável do terreno, exceptuando pequenas zonas, onde se observou pontualmente a existência de densa cobertura arbustiva. Destes trabalhos resultou a identificação de diversos locais onde se recolheram indústrias paleolíticas (fig. 2): os locais 2, 5 e 8 correspondem a achados isolados, enquanto em 1, 3, 4, 7 e 9 se obtiveram pequenos conjuntos líticos. O local 6 é, de longe, o mais importante, configurando um local de preparação e talhe de artefactos líticos (Coordenadas Hectométricas UTM obtidas com base na Carta Militar de Portugal na escala de 1/25 000 : 235 066). Pretendem os autores, agora que se encontra concluído o estudo de tais materiais, providenciar a sua entrega à Câmara Municipal de Benavente, aliás já prevista no Relatório de 1988 (Caninas & Cardoso, 1998).



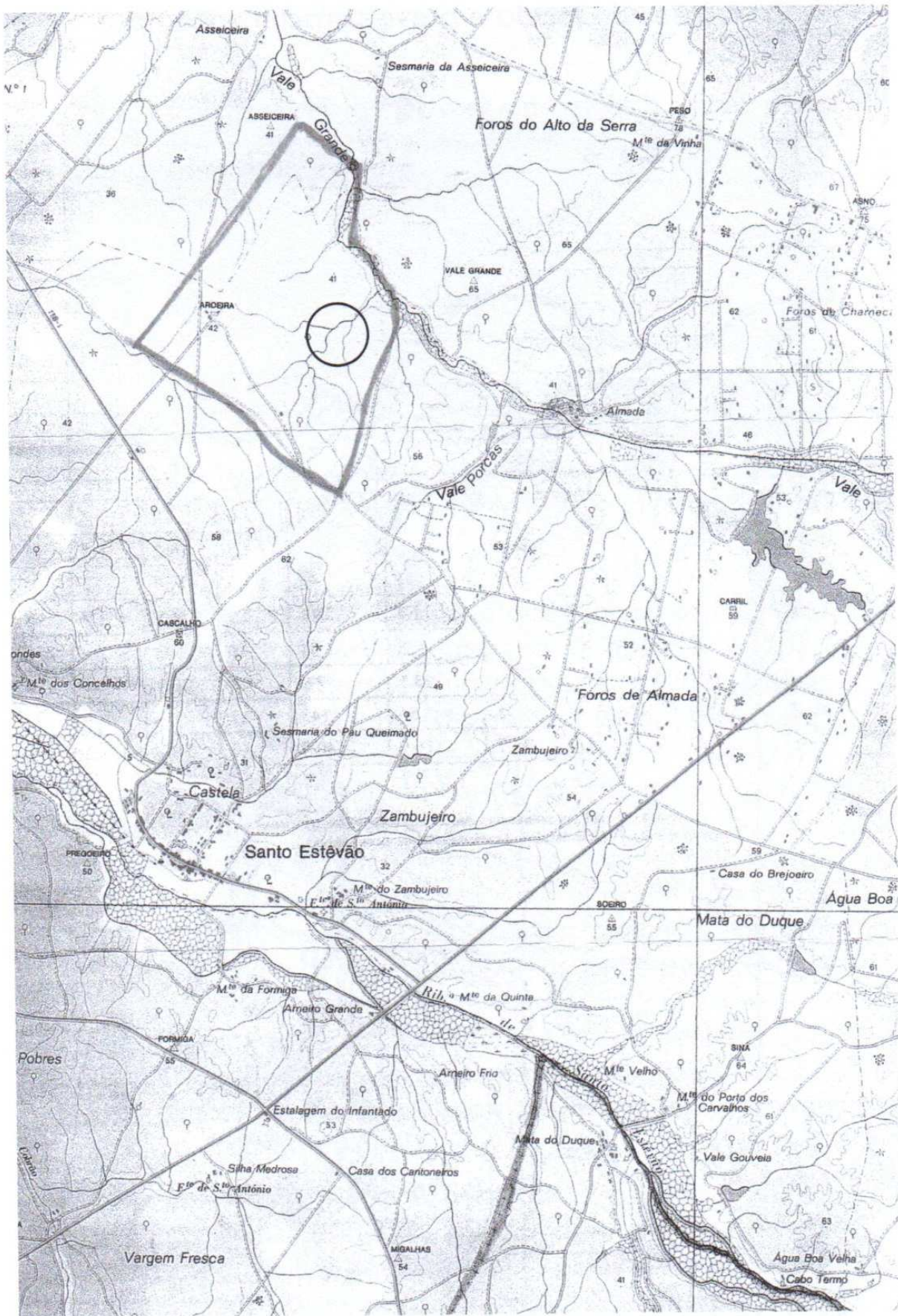


Fig. 1 – Localização da área prospectada na carta à escala de 1/50 000



### 3. Condições de jazida e breve caracterização dos materiais

Os materiais dispersavam-se à superfície de depósitos plis-tocénicos resultantes do desmonte do terraço médio (Q3), constituídos por abundantes níveis de cascalheiras de sei-

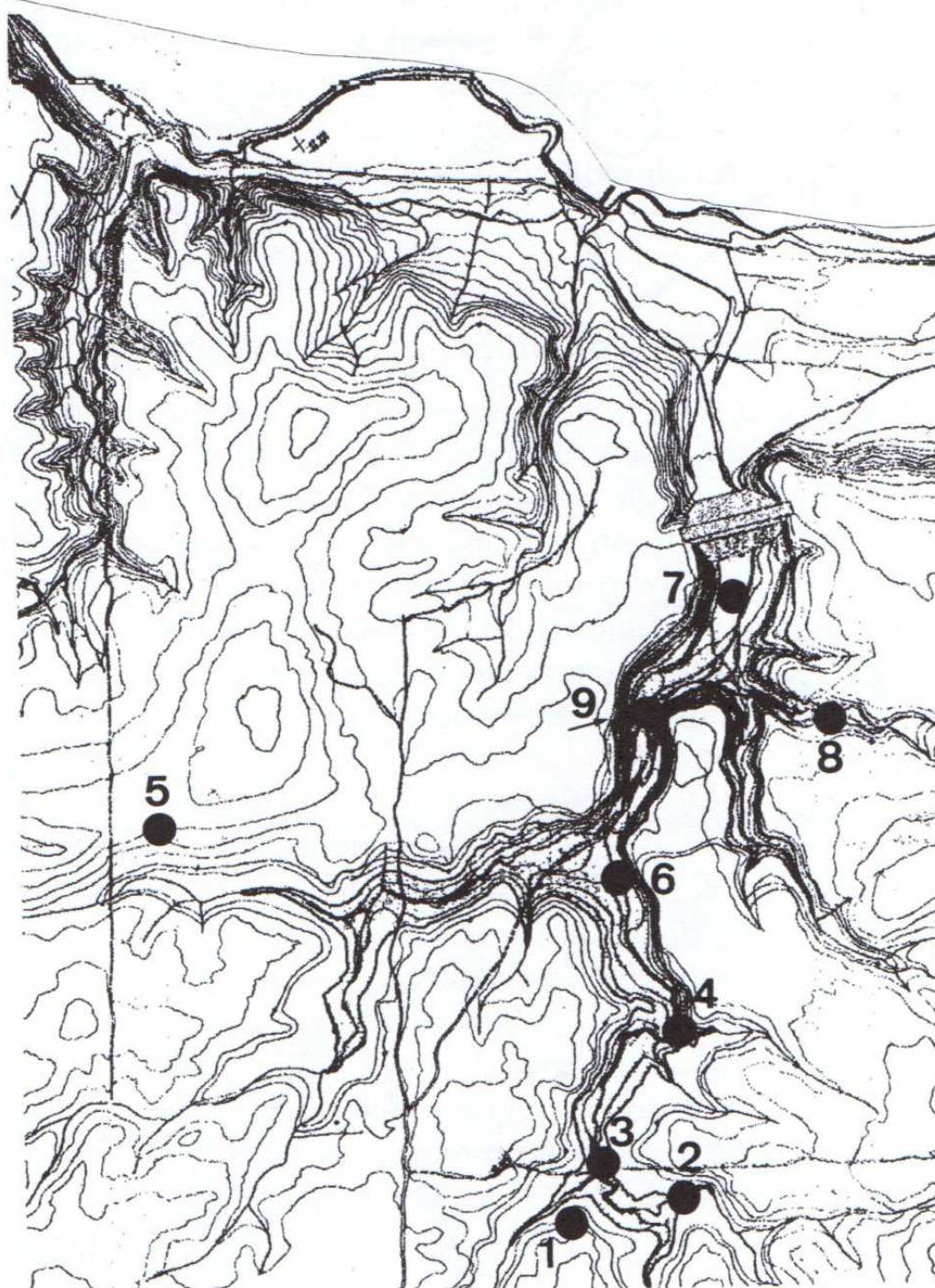


Fig. 2 – Localização dos diversos *loci* que forneceram materiais paleolíticos na planta à escala de 1/5000





Fig. 3 – Vista do fundo do vale onde se recolheram a maioria dos artefactos; em segundo plano observa-se plataforma correspondente ao topo do terraço médio (Q3)

xos de quartzito bem rolados, o qual apresenta desenvolvimento assinalável em toda a zona. A abundância local desta matéria-prima explica, naturalmente, a sua larga predominância no conjunto lítico recolhido. A fig. 2 evidencia a distribuição dos achados ao longo do vale principal, interessado pela construção da barragem, incluindo o local 6, já referido. Esta situação é justificada pelo facto de a correspondente linha de água ter sido responsável pela erosão dos depósitos quaternários onde ela se encontra encaixada, com a consequente exposição dos materiais detríticos grosseiros, como os seixos, anteriormente conservados nas camadas de cascalheiras de terraço assim desmanteladas (figs. 3 e 4). A sua concentração explica-se, também, pela remobilização para jusante dos materiais detríticos de menores dimensões e por isso mais facilmente transportáveis ao longo da linha de água.

Tendo presente o processo de recolha efectuado, não se justifica a apresentação de estudos aprofundados da distribuição percentual da utensilagem pelos diversos grupos representados. Assim, os comentários adiante apresentados limitar-se-ão a sublinhar aspectos mais relevantes, do ponto





Fig. 4 – Vista do leito da linha de água prospectada, com abundantes seixos rolados de quartzito, resultantes do dismantelamento dos depósitos do terraço médio (Q3)

de vista técnico-tipológico do conjunto da utensilagem, do qual uma selecção se apresenta na figura 5.

No tocante às matérias-primas, das dezenas de artefactos recolhidos, apenas um é de sílex (fig. 5, n.º 3). Do *locus* 5 provém um seixo rolado de sílex, muito irregular, sem indício de trabalho, com córtex amarelado e interior esbranquiçado, oriundo das formações mesosóicas ou cenozóicas lacustres do outro lado do Tejo. Isto significa que o único instrumento de sílex encontrado poderá corresponder a aproveitamento de um seixo localmente disponível e não a peça exógena.

Reconheceram-se núcleos em estádios precoces de preparação, com dois ou mais levantamentos de lasca realizados a partir de um dos lados, outrora por vezes confundidos com instrumentos (raspadores sobre seixos). Um dos núcleos (fig. 5, n.º 1) possui características mustierenses, com lascamento centrípeto a partir de planos de percussão preparados. Deste tipo de núcleos obtinham-se lascas utilizadas tal e



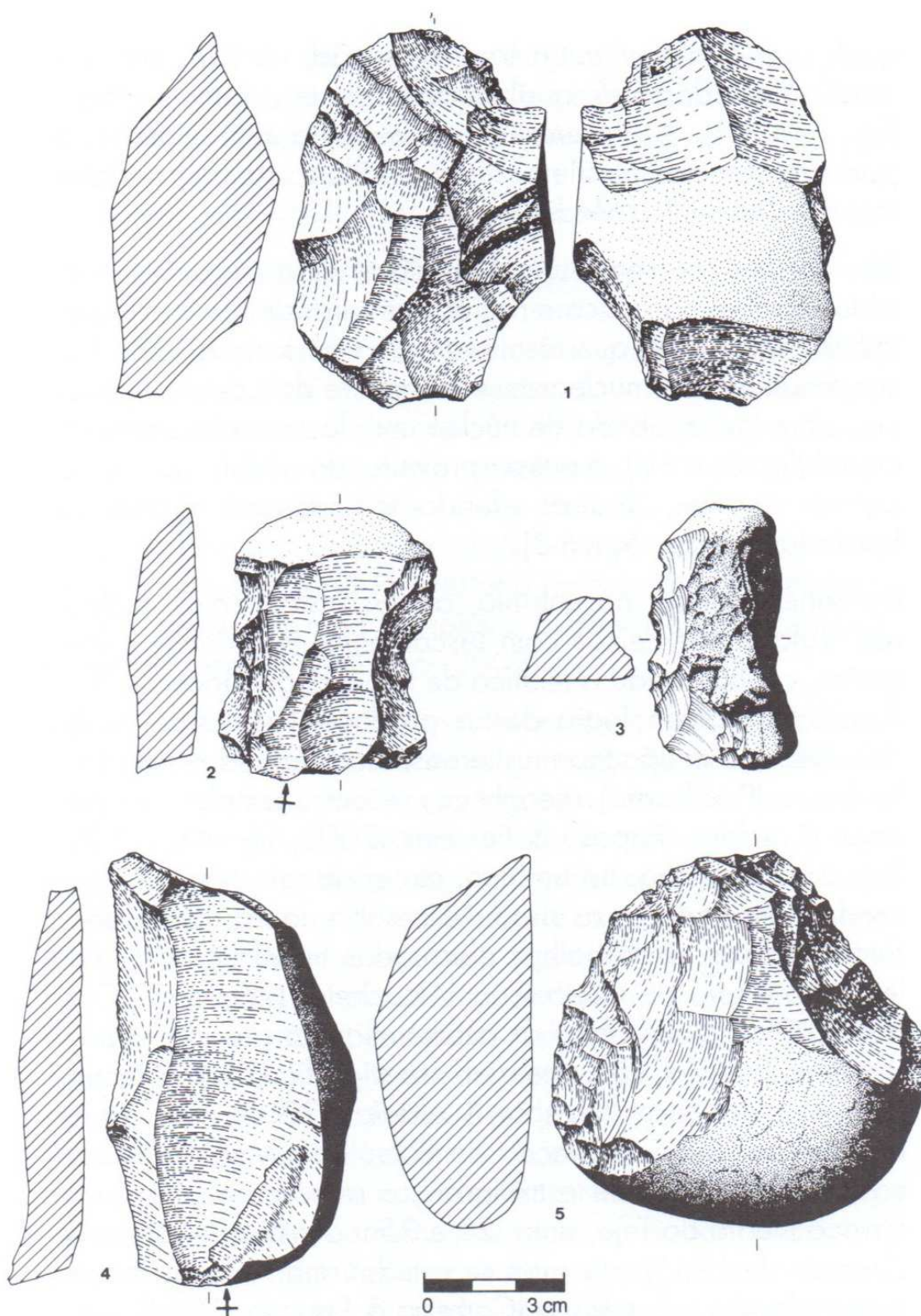


Fig. 5 – Selecção de materiais líticos: 1 – núcleo mustierense de lascamento centrípeto, com planos de percussão parcialmente preparados no reverso; 2 – denticulado sobre lasca; 3 – denticulado sobre "rognon" rolado de sílex; 4 – lasca levallois com flanco natural; 5 – seixo afeiçãoado de técnica languedocense. Todos os exemplares são de quartzito, com excepção do n.º 3, que é de sílex



qual, sem qualquer outra transformação, ou com transformação limitada. Está igualmente presente o talhe levallois (fig. 5, n.º 4). A presença desta indústria sobre lascas, a partir de núcleos mustierenses e levallois, configura claramente o Paleolítico Médio.

São escassos, à semelhança do observado em outros contextos da mesma época e região, os verdadeiros instrumentos, isto é, aqueles que resultaram da transformação de lascas ou de massas nucleares: é o caso de dois denticulados, um sobre lasca, obtida de núcleo com lascamento unidireccional (fig. 5, n.º 2), o outro aproveitando nódulo alongado espesso de sílex, já atrás referido, talhado ao longo de um bordo lateral (fig. 5, n.º 3).

Reconheceram-se, no entanto, alguns instrumentos nucleares: trata-se de seixos com lascamentos periféricos imbricados, configurando a técnica de talhe languedocense (fig. 5, n.º 5). A cronologia destas produções tem sido muito discutida: na ocupação mustierense da Gruta Nova da Columbeira (Bombarral) reconheceu-se um exemplar comparável (Cardoso, Raposo & Ferreira, 2002, fig. 42, n.º 2). Tais artefactos são, no entanto, excepcionais nesta época, sendo esmagadoras as produções sobre lasca, como bem demonstraram os trabalhos efectuados na estação do Paleolítico Médio de Conceição (Alcochete) (Raposo & Cardoso, 1998), bem como as ocorrências da própria região de Santo Estêvão, com interesse estratigráfico, dadas recentemente a conhecer (Gaspar & Aldeias, 2005) e de áreas adjacentes, como a estação do Paleolítico Médio de Cascalheira, de interesse estratigráfico, relacionada com um terraço médio do Tejo, entre 20 e 25m de altitude (Breuil & Zbyszewski, 1945), da qual se estudou mais recentemente a utensilagem sobre lasca (Carreira & Raposo, 1994) que, obtida essencialmente a partir de núcleos mustierenses, caracteriza a estação.

Desta forma, crê-se que os seixos afeiçãoados de técnica languedocense, tão abundantes na região do baixo Tejo, por se encontrarem praticamente ausentes das estações do



Paleolítico Médio da região, se enquadram melhor – pese embora a ausência de informações estratigráficas para a quase generalidade das ocorrências – nos conjuntos macrolíticos fini e pós-paleolíticos com paralelos artefactuais muito próximos nos litorais minhoto e baixo alentejano.

Com efeito, peças de tipologia languedocense ocorrem em múltiplas áreas geográficas e contextos, o que retira qualquer significado cultural ao termo “languedocense”: ainda recentemente se verificou, no sector do vale do Guadiana interessado pelos estudos de minimização de impactes arqueológicos decorrentes da construção da barragem de Alqueva, a ocorrência de peças de talhe remontante de tipologia languedocense em praticamente todas as épocas, desde as da chamada *Pré-História recente*, até o Paleolítico Antigo, passando pelo Paleolítico Superior e Epipaleolítico (Almeida, Araújo & Ribeiro, 2002).

Deste modo, o termo “languedocense”, embora correspondente a designação com larga tradição no quadro da história das investigações portuguesas, deve ser sempre e apenas entendido no estrito âmbito tecno-tipológico, desprovido, repita-se, de qualquer significado cultural ou cronológico. Já o termo “mirense”, onde uma forte componente macrolítica também se encontra representada, possui distribuição geográfica mais restrita, limitada à costa sudoeste, e um âmbito cronológico melhor definido (Cardoso, 2004). Tal é a conclusão decorrente das datações de radiocarbono obtidas na estação de Palheirões do Alegria, perto do cabo Sardão, associadas a indústrias de sílex leptolíticas tipologicamente enquadráveis no Paleolítico Final (Raposo, 1994), reunindo-se, assim, os requisitos para se poder atribuir ao termo “mirense” significado cultural próprio, tanto mais que é susceptível de ser conotado com uma população cujas bases económicas são conhecidas.

Em suma, no nosso país, admite-se que, no estado actual dos conhecimentos, o termo “languedocense” possa ser utilizado para designar as indústrias de base macrolítica e de época fini e pós-glaciária abundantes no Baixo Tejo,



representadas por determinados tipos de artefactos, caracterizados pela técnica de talhe acima referida, incluindo uma componente sobre lasca, a qual, até época recente, foi praticamente ignorada. É esse conjunto industrial que se encontra representado, no caso em apreço, pelo exemplar reproduzido na fig. 5, n.º 5, a que se poderiam juntar outros, na mesma altura recolhidos em diversos dos *loci* considerados.

Com efeito, crê-se que a produção de artefactos macrolíticos sobre seixos de quartzito assumiu frequentemente um carácter oportunista, resultante de tarefas simples, que seriam efectuadas por peças fáceis de produzir e rapidamente abandonadas, finda a necessidade para a qual foram criadas. Tal facto explica assim a sua abundância, sempre nas imediações de fontes de matéria-prima, correspondentes a mantos detríticos de cascalheiras quartzíticas, tanto quaternárias como mais antigas.

Enfim, a falta de enquadramento estratigráfico adequado, por se tratar de recolhas superficiais (em certos casos em conexão com depósitos pedológicos ou dunares holocénicos do litoral, como se verifica na estação da Ponta do Cabedelo, sobranceira à Costa da Caparica – Ferreira, 1951), se, por um lado, impede que se lhes atribua um significado arqueológico específico, não deixa, por outro, de lhes sublinhar a relativa modernidade.

Deste modo, estariam presentes, na área estudada, dois conjuntos líticos, de características bem diferenciadas: o mais antigo, pertencente ao Paleolítico Médio, caracterizado pela presença de núcleos mustierenses, do talhe levallois e de artefactos essencialmente sobre lasca; outro, mais moderno, representado por um conjunto de seixos afeiçoados espessos, de talhe imbricado e remontante, associados provavelmente a lascas indiferenciadas. Contudo, até que ponto poderiam ambas as produções ser coevas, representando apenas cadeias operatórias distintas, uma direccionada para a obtenção de lascas, outra para a preparação de instrumentos nucleares, destinados essencialmente a raspar?



Estas dúvidas são legítimas; ver-se-á no ponto seguinte que, na própria região de Santo Estêvão, se recolheram indícios que permitem sustentar esta última posição, mas também a sua oposta.

#### 4. Integração regional e discussão

Os primeiros elementos seguros sobre o Paleolítico dos terraços quaternários da margem esquerda do baixo vale do Tejo resultaram das descobertas de J. F. Cadete na região de Muge, seguidas da recolha de inúmeros materiais por H. da Costa Cabaço, no final da década de 1930. Esta actividade conduziu à identificação de importantes conjuntos paleolíticos, nas áreas de Muge, Glória e Lamarosa, com destaque para a estação do Cabeço da Mina, escavada por J. R. dos Santos Júnior, cujo interesse estratigráfico foi demonstrado pela comunicação apresentada ao Congresso do Mundo Português por A. A. Mendes Corrêa, em 1940 (Corrêa, 1940). Pouco depois, as descobertas multiplicaram-se, devido à organização de verdadeiro programa de pesquisas, de iniciativa de Georges Zbyszewski, aproveitando a presença em Portugal, entre Abril de 1941 e Novembro de 1942, do eminente especialista francês Henri Breuil. Foram então reconhecidos, de forma extensiva, os terraços quaternários entre Alpiarça e Alcochete, com a identificação de importantes estações de interesse estratigráfico como as do Vale do Forno, Vale de Atela e Barreira do Tojal (Alpiarça), e as do Moinho de Benavente e Cascalheira (Benavente), entre outras, a par de inúmeros locais onde se recolheram materiais à superfície, publicados integralmente (Breuil & Zbyszewski, 1942, 1945). Ao mesmo tempo, os mesmos autores estudaram importantes colecções paleolíticas, com destaque para a constituída por H. da Costa Cabaço, relativa à região de Muge (Breuil & Zbyszewski, 1943). Foram, assim, lançadas as bases para o estudo integrado das formações geológicas e das indústrias arqueológicas que nelas jaziam, permitindo, pela primeira vez, uma visão de conjunto, coerente e completa,



sobre a ocupação paleolítica da margem esquerda do vale do Tejo, que ainda hoje não foi modificada nas suas principais conclusões.

No âmbito geográfico específico deste estudo, os referidos autores publicaram, na sua obra de 1945, alguns materiais paleolíticos oriundos da margem direita da ribeira de Santo Estêvão (também conhecida por rio Almansor), entre esta localidade e Benavente, a maioria resultante de recolhas superficiais, embora algumas peças tenham sido encontradas *in situ*, em depósitos que foram então atribuídos ao interglaciário Mindel-Riss, correlacionados com o terraço médio (25-40m). É o caso das peças recolhidas na estação da Casa do Guarda (sem que se saiba exactamente o local), onde um nível de areias avermelhadas da base da sequência estratigráfica observada deu escassos materiais classificados como acheulenses e mustieróides. É, no entanto, a estação de superfície designada de Mata de Santo Estêvão (cuja localização exacta também se ignora) que deu o maior número de exemplares, classificados por critérios tipológicos e de desgaste superficial entre o Acheulense Antigo (só duas peças, entre as quais um biface imperfeito), passando pelo Acheulense Médio, até o Acheulense Superior, com elementos mustieróides com arestas vivas.

A esta primeira fase dos trabalhos reporta-se ainda a descoberta, feita em Dezembro de 1940, por G. Zbyszewski e pelo colector Pedro Carreira de Deus, da estação do Moimho de Benavente, a mais importante da região que agora particularmente nos interessa. Com efeito, foi ali observada a sobreposição de areias dunares com indústrias de sílex do Paleolítico Superior ou do Mesolítico, a um nível mais grosseiro, amarelado, possuindo, na parte mais alta, "*une couche de sable noir à matières organiques, cendres et traces de manganèse, avec un abondant matériel languedocien*", com uma espessura total de 1,80m (Breuil & Zbyszewski, 1942, p. 303). Estas indústrias são caracterizadas pela presença, quase exclusiva, de seixos talhados de técnica languedocense, constituindo uma das evidências mais im-



portantes da maior antiguidade destas indústrias face às subsequentes indústrias de sílex mesolíticas. No entanto, os autores assinalam a ocorrência de alguns núcleos mustierenses, aparentemente associados às peças languedocenses.

Mais tarde, outros investigadores se interessaram pelo Paleolítico dos terraços quaternários do baixo Tejo, seguindo de perto os métodos de classificação dos materiais de Breuil e Zbyszewski; foi o caso de Margarida Ribeiro, que, no decurso da sua estada na aldeia de Glória (Salvaterra de Magos), para estudo das suas gentes, foi levada também a prospecções arqueológicas na região envolvente, de que resultaram a identificação de novos locais com materiais paleolíticos, além dos já mencionados por aqueles dois eminentes arqueólogos, razão próxima da preparação deste estudo, neste Colóquio em sua homenagem (Ribeiro, 1959, 1963). Aliás, o interesse despertado pelas descobertas da nossa homenageada motivou outros investigadores a prosseguirem os estudos sobre o Paleolítico daquela região, até à actualidade (Santos, 1969; Caneira, 1998), conduzindo à descoberta de novos sítios e materiais.

Na região de Santo Estêvão, a que pertencem os locais agora dados a conhecer, é ainda ao trabalho continuado de G. Zbyszewski, nas décadas que se seguiram à sua colaboração com Henri Breuil, no âmbito dos levantamentos geológicos das formações quaternárias da margem esquerda do Tejo, efectuados juntamente com O. da Veiga Ferreira, que se deve a informação mais valiosa, só recentemente complementada por trabalhos no âmbito da chamada arqueologia de salvamento, ligada a grandes projectos de obras públicas.

Em 1967 aqueles dois autores deram a conhecer quatro locais onde efectuaram recolhas *in situ* de materiais paleolíticos, extraídos dos depósitos de cascalheiras do terraço baixo (Q4, entre 8-20m), cortados pelos taludes do canal de rega do Sorraia, a Este de Benavente, situáveis, por critérios geológicos, entre o final do Riss e o final do interglaciário seguinte.



Os materiais foram classificados entre o Acheulense Superior, associado ao Mustierense, representado por diversos núcleos, classificação que é concordante com a cronologia atribuída às respectivas formações (Zbyszewski & Ferreira, 1967). Na *Notícia Explicativa da Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000, Folha 35-A (Santo Estêvão)*, os mesmos autores inventariaram oito novos sítios paleolíticos, na área compreendida entre Samora Correia, Benavente, Santo Estêvão e o Campo de Tiro de Alcochete (Zbyszewski & Ferreira, 1969). Enfim, no último trabalho de sua autoria dedicado ao Paleolítico da região, foram publicados os materiais das três estações mais próximas de Santo Estêvão: Monte do Rio dos Odres, na margem direita do rio Almansor, a NW de Santo Estêvão, localizada no mesmo retalho de terraço médio (Q3) das ocorrências agora publicadas; Monte dos Condes, também na margem direita do Almansor e a NW de Santo Estêvão, recolhidos à superfície do baixo terraço (Q4); e, por último, Monte Aranha, a SW de Santo Estêvão, correspondendo a recolhas à superfície do terraço médio (Q3). Apenas o primeiro dos locais terá fornecido alguns elementos *in situ*.

Tal como as anteriormente estudadas, as indústrias foram atribuídas a estágio evoluído do Acheulense, mas onde as lascas e os núcleos mustierenses estão também presentes, a par de seixos afeiçãoados diversos. Deste modo, não se diferenciam globalmente dos conjuntos agora apresentados.

Em suma, pode dizer-se que os trabalhos publicados desde a década de 1940 por G. Zbyszewski e colaboradores resultaram de recolhas circunstanciais, sem outras preocupações que não fossem a caracterização sumária dos materiais cuja colheita era feita no decurso dos trabalhos de levantamento geológico e a eles subordinada. Deste modo, as passagens por cada local eram efectuadas em pouco tempo, o que naturalmente prejudicava a representatividade dos resultados. Tal situação encontra-se evidenciada pelos escassos materiais invariavelmente coligidos em qualquer um dos locais estudados.



Contrastando com esta realidade, o último estudo sobre indústrias paleolíticas de Santo Estêvão (Gaspar & Aldeias, 2005), realizado no âmbito dos trabalhos de mitigação dos impactes ambientais decorrentes da construção da auto-estrada A13, sublanço Salvaterra de Magos-Santo Estêvão, mobilizou muito maior disponibilidade de meios, envolvendo uma nova forma de perspectivar os trabalhos de campo, já que estes foram conduzidos com o objectivo específico de recolher informação de carácter arqueológico, onde a informação geológica se subordinou àqueles objectivos, exactamente a situação inversa da anterior. Identificaram-se quatro zonas com dispersão superficial de indústrias paleolíticas e seis com contexto estratigráfico, das quais quatro já tinham sido assinaladas na carta geológica, por G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira (Zbyszewski & Ferreira, 1968).

Daqueles seis locais avulta um, até então inédito, designado por Arneiro Cortiço, na margem esquerda do rio Almansor, situado a 19m de altitude, num retalho atribuído na carta geológica ao terraço médio (Q3) mas que, segundo as autoras, poderá pertencer já ao Q4, hipótese aliás compatível com as características industriais do conjunto lítico recolhido.

Realizaram-se sondagens mecânicas e manuais; de um total de 642 artefactos, 510 possuem indicação estratigráfica. Destes, puderam obter-se as seguintes conclusões: trata-se de uma indústria do Paleolítico Médio, orientada para a obtenção de lascas, aproveitando quase exclusivamente seixos rolados de quartzito, sendo a relação núcleo/lasca de 1/5 e o aproveitamento da matéria-prima muito expedito, o que se justifica pela sua abundância. A presença de seixos afeiçãoados é residual, salientando-se apenas *“um uniface, um esboço de uniface e alguns seixos talhados”* (op. cit., p. 389), bem como a de utensílios, no grupo dos quais aqueles se inserem, denotando situação idêntica à dos contextos do Baixo Tejo da mesma época. Contudo, alguns destes seixos afeiçãoados evidenciam talhe remontante (op. cit., fig. 6), em tudo idênticos aos agora estudados.



A relação de 61 peças por metro quadrado, encontrada nas sondagens manuais ali efectuadas, denuncia a forte incidência do talhe no local, a qual é facilmente explicada, tanto aqui como nos numerosos sítios da margem esquerda do Tejo, pela abundância da matéria-prima, sob a forma de seixos rolados de quartzito, objecto de intensa recolhida e de transformação local, no Paleolítico Médio, sob a forma de núcleos orientados para a extracção de lascas.

## 5. Conclusões

Os vestígios paleolíticos sumariamente descritos neste estudo correspondem a uma realidade recorrente, correlativa de ocorrências de materiais recolhidos à superfície dos vastos terraços quaternários da margem esquerda do Tejo, especialmente nos terraços médios e baixos.

Nos casos estudados foi o encaixe de afluente da margem esquerda da ribeira de Vale Grande, por sua vez tributária do Sorraia, que, tendo exposto em profundidade os depósitos de todo o terraço médio, permitiu a concentração superficial de seixos rolados de quartzito (excepcionalmente, está presente o sílex), oriundos de níveis de cascalheiras neles existentes, por evacuação dos materiais mais finos (argilas, siltes e areias) para jusante, ao longo da linha de água, os quais foram ulteriormente aproveitados.

Tratam-se de indústrias de arestas frescas, sob a forma de núcleos de tipo mustierense orientados para a obtenção de lascas, estando também representado o talhe levallois. A presença de seixos afeiçoados de talhe remontante é também de assinalar, sendo provável que estas indústrias sejam mais recentes que as indústrias sobre lasca encontradas. No entanto, a ocorrência, a começar pela própria região (Arneiro Cortiço), de sítios do Paleolítico Médio onde as produções sobre lasca se encontram associadas, ainda que residualmente, a artefactos nucleares, de talhe remontante, de características languedocenses, deixa em aberto a possibilidade de, também aqui, tal poder ter-se verificado. Ao



contrário, na estação do Moinho de Benavente, igualmente com interesse estratigráfico, observou-se uma dominância de seixos afeiçoados languedocenses, associados a abundantes lascas, sendo evidente a escassez de núcleos mustierenses, apesar de tudo presentes.

Assim sendo, existem argumentos para admitir uma contemporaneidade entre ambas as cadeias operatórias no decurso do Paleolítico Médio da região, nuns casos francamente dominada pela produção de lascas, noutros, aparentemente, pela produção de artefactos nucleares, ainda que noutras estações da região do Baixo Tejo, como a de Conceição (Alcochete), estes faltem quase em absoluto. Seja como for, a sua presença, por si só, não poderá caracterizar nenhuma época em especial, embora a sua produção, essencialmente, se reporte a épocas anteriores ao Mesolítico (veja-se a ausência, ou quase, da sua presença nos concheiros de Muge e, ainda com base na estratigrafia da estação do Moinho de Benavente, a sua sobreposição por indústrias do Paleolítico Superior ou já mesolíticas, de onde também se encontram ausentes).

Em resumo, os novos locais ora publicados da região de Santo Estêvão integram-se nos numerosos sítios do Paleolítico Médio conhecidos na região, alguns de interesse estratigráfico, já ali anteriormente reconhecidos, ainda que algumas peças recolhidas possam ser mais modernas, já do fini e pós-glaciário. Tal situação explica-se pela abundância de matéria-prima, representada por seixos de quartzito das cascalheiras de terraço (especialmente dos terraços médios e baixos), a que sucessivos grupos de caçadores-recolectores ao longo do Paleolítico Médio recorriam, adoptando uma economia de subsistência baseada na mobilidade, favorecida por estas vastas planícies aluviais, de fácil circulação, a que acrescia a abundância de água e de caça.



## Bibliografia

- ALMEIDA, F.; ARAÚJO, A. C. & RIBEIRO, J. P. C. – “Contribuição para o estudo do Paleolítico no Alentejo interior. Resultados preliminares do Bloco B1 do plano de minimização de impactes da barragem de Alqueva”, *Al-madan*, Almada, série II, 11, 2002, pp. 94-98.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. – *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. 1 – Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal (Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, 23), 1942.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. – “Le paléolithique de la collection de M. Hipolito da Costa Cabaço, a Alenquer”, *Damianus a Goes*, Lisboa, 4, 1943, pp. 97-133.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. – *Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. 2 – Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal (Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, 26), 1945.
- CANEIRA, R. – *O Paleolítico em Glória do Ribatejo*, Salvaterra de Magos, Câmara Municipal de Salvaterra de Magos, 1998.
- CANINAS, J. C. & CARDOSO, J. L. – *Estudo de impacto ambiental da barragem de Vila Nova de Santo Estêvão (Benavente), Relatório sobre a avaliação da Componente Património Arqueológico e Arquitectónico*, Lisboa, 1998.
- CARDOSO, J. L. – “Comunidades da Estremadura à costa vicentina, do pré-Boreal ao final do Atlântico: aspectos arqueológicos, económicos e paleoambientais”, in A. A. Tavares; M. J. F. Tavares & J. L. Cardoso, ed., *Evolução geo-histórica do litoral português e fenómenos correlativos. Geologia, História, Arqueologia e Climatologia*, Lisboa, Universidade Aberta, 2004, pp. 305-357.
- CARDOSO, J. L.; RAPOSO, L. & FERREIRA, O. da Veiga – *A Gruta Nova da Columbeira – Bombarral*, Bombarral, Câmara Municipal do Bombarral, 2002.
- CARREIRA, J. R. & RAPOSO, L. – “Utensílios sobre lasca da indústria do Paleolítico Médio do sítio da Cascalheira (Benavente)”, *Al-madan*, Almada, série II, 3, 1994, pp. 22-29.
- CORRÊA, A. A. Mendes – “Novas estações líticas em Muge”, *I Congresso do Mundo Português (Lisboa, 1940)*, Actas, Lisboa, 1, 1940, pp. 111-127.



FERREIRA, F. Bandeira – “Notícia de novos achados na estação arqueológica da Ponta do Cabedelo (Costa da Caparica)”, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 1, 1951, pp. 117-123.

GASPAR, R. & ALDEIAS, V. – “O sítio paleolítico de Arneiro Cortiço (Benavente): intervenções de emergência nos contextos dos terraços do Tejo”, *IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, 2004)*, Actas, *O Paleolítico*, Faro, Universidade do Algarve, 2005, pp. 385-396.

RAPOSO, L. – “O sítio de Palheirões do Alegria e a questão do Mirense”, in J. M. Campos; A. Pérez & F. Gómez, ed., *Arqueologia en el entorno del bajo Guadiana (Huelva, 1992)*, Huelva, Universidad de Huelva/Junta de Andalucía, 1994, pp. 55-69.

RAPOSO, L. & CARDOSO, J. L. – *O sítio do Paleolítico Médio da Conceição (Alcochete)*, Lisboa, Centro de Estudos e Monitorização Ambiental/Lusoponte, 1998.

RIBEIRO, M. – “Estudos sobre a aldeia da Glória”, *Revista de Guimarães*, Guimarães, 73 (1/2), 1963, pp. 24-82.

SANTOS, M. C. – “Subsídios para o estudo do Paleolítico da aldeia da Glória (Salvaterra de Magos)”, *Revista de Guimarães*, Guimarães, 79 (3/4), 1969, pp. 227-234.

ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga – “Le paléolithique des terrasses du Sorraia à l’Est de Benavente”, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 52, 1967, pp. 95-107.

ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Folha 35-A (Santo Estêvão)*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1968.

ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da Folha 35-A (Santo Estêvão)*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal, 1969.

ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga – “Indústrias paleolíticas da região de Santo Estêvão”, *Arqueologia e História*, Lisboa, série IX, 4, 1972, pp. 269-287.